

Vinicius Lummertz*

O otimismo das manchetes chinesas frente ao nosso pessimismo

“Governar é retificar”, ensinava Confúcio. Essa máxima sintetiza um dos pilares da tradição chinesa: a busca pela ordem e pela meritocracia como base do progresso coletivo. Mais de dois milênios depois, os ensinamentos do mestre ainda são referência para compreender o modelo construído pelo Partido Comunista Chinês, que adaptou reformas de mercado a uma cultura profundamente enraizada no valor do esforço, da disciplina e da competição. Não é possível compreender a China contemporânea sem compreender Confúcio, pois é desse arcabouço que emergiu a combinação singular entre planejamento estatal e meritocracia aplicada ao desenvolvimento nacional.

Foi com esse pano de fundo cultural que conheci a China nos anos 1980, eu tinha 20 anos e morava em Hong Kong. Naquele tempo, cidades como Xangai, Guangzhou e Pequim ainda davam os primeiros passos de abertura sob Deng Xiaoping. O contraste com Hong Kong era gritante. Na China continental, a infraestrutura era precária, a economia incipiente e o futuro incerto. A sociedade era majoritariamente agrária. A Feira de Cantão loop o, que visitei, era uma pequena mostra de implementos agrícolas e máquinas antiquadas. Hoje, transformou-se numa das grandes feiras comerciais do mundo. Macau, então uma pequena cidade com casário português, está hoje conectada a Hong Kong por uma ponte de 40 quilômetros e movimenta hotéis-resorts integrados com cassinos que faturam como Las Vegas. Enquanto no Brasil temos o escândalo das “bets”, mas não temos nenhuma “Macau”. A legislação de Resorts integrados com Casinos ainda está por ser aprovada.

Nos anos 1980, na China, as pessoas ainda se vestiam com uniformes azuis, cinzas e verdes. Andavam a pé ou de bicicleta. Havia pouquíssimos carros russos nas ruas. O consumo praticamente não existia fora das lojas governamentais, de acesso regulado. Vegetais eram vendidos em esquinas de avenidas. Décadas depois, ao revisitar Xangai, Pequim ou ao conhecer Chengdu, Lijiang e Xinjiang, encontrei um país irreconhecível, que alcançou um progresso sem paralelo na história humana. No turismo, vi parques temáticos e naturais erguidos com rapidez, enquanto no Brasil muitos projetos ficam parados em licenciamentos, travados pela ideologia esquerdista que a China já largou de mão a muito tempo. As cidades chinesas são grandiosas, organizadas em torno de polos de produção, como Shenzhen, capital da tecnologia e inovação. A China teve sua oportunidade, e a agarrou.

A transformação fala por si: mais de 40 mil

quilômetros de linhas de trens de alta velocidade construídos em apenas 15 anos, centenas de cidades modernas erguidas, cerca de 800 milhões de pessoas retiradas da pobreza extrema, segundo o Banco Mundial. O país não apenas alcançou, mas superou o modelo de Hong Kong, incorporando a experiência pragmática de Singapura e criando sua própria versão, baseada na competição entre empresas, municípios e províncias, sustentada por uma cultura meritocrática pouco conhecida no Ocidente, mas profundamente enraizada na tradição confuciana. Avança e retifica.

Esse espírito se reflete também na comunicação diária. O China Daily estampa manchetes como “China e Índia são parceiras, não rivais” e “Parcerias para paz, progresso e estabilidade”. A Xinhua celebra a volta às aulas com programas transmitidos a milhões de estudantes e descreve o festival de Qixi como “mais que romance”. Veículos econômicos como The Paper destacam consumo e tecnologia como motores de uma nova fase de crescimento. A mensagem é sempre de confiança e construção.

O contraste é evidente quando olhamos para o Ocidente. O Guardian relata ataques mortais em Kiev, crises humanitárias no Malawi e tensões políticas na Europa. O Washington Post fala em “shutdown iminente do governo americano” e em enchentes devastadoras no Paquistão. Mesmo no Wall Street Journal, notas positivas, como a queda nos juros hipotecários, são exceções em meio a um mar de notícias de crise. No Brasil, nossos jornais e noticiários seguem a mesma lógica e padrão estético. Manchetes tendem a ser mais negativas na grande mídia, e críticas predominam nas redes sociais com foco em escândalos e brigas políticas, falhas institucionais e desafios econômicos. Quanto ao papel fiscalizador é essencial numa democracia, mas a falta de equilíbrio entre crítica e valorização de conquistas cria uma narrativa que aprisiona o país em diagnósticos de fracasso. Notícias boas são vistas como “chapa-branca”. As melhores notícias encontramos na mídia regional e na mídia econômica especializada como a própria revista Exame e jornais como o Valor Econômico. Aliás, ontem assisti um belo programa na CNN sobre a Rota Biocênica. A CNN que tem o WW, espaço de alto-nível, como a nova CNBC. Valeu a pena assistir o Jornalista Caio Junqueira suando a camiseta na mega agenda positiva da Rota Bi-Oceânica. No geral, avanços reais em inovação, agronegócio, infraestrutura ou desenvolvimento regional, como o sucesso de Santa Catarina, Paraná, São Paulo, do Centro-Oeste ou do Ceará, raramente ocupam espaço como

sinal de progresso coletivo. O padrão estético da ordem e do progresso, do interesse nacional, tem dificuldade de se posicionar.

Já na China o efeito é claro. Num país velho de vida nova, a imprensa chinesa projeta otimismo e confiança, reforçando o compromisso com o crescimento comum. A imprensa ocidental e brasileira, ao enfatizarem apenas riscos e conflitos, reforça a percepção de instabilidade e incerteza. O futuro, na China, é apresentado como campo de oportunidades; no Ocidente e no Brasil, como território de ameaças, em acordo com um certo padrão niilista ocidental.

Por óbvio, não estou dizendo nesse artigo que devamos replicar o modelo chinês, que funciona em outro contexto político e cultural. São histórias diferentes. A lógica do império norte-americano como o do nosso império, é a da liberdade, do individualismo e da desconfiança sobre governos. A do império Chinês é uma história de busca de governo forte num país des governado por dois séculos. Mas há lições a extrair. Como lembra o sinólogo francês François Jullien, a China opera sob uma lógica de transformação gradual, em que a narrativa não apenas descreve, mas orienta o futuro. Ao enfatizar o progresso e a continuidade, as manchetes chinesas reforçam uma identidade nacional capaz de superar crises. Já o excesso de negatividade no Brasil e no Ocidente mina a confiança, dificulta consensos e corrói a capacidade de projetar objetivos comuns.

A imprensa é reflexo de seu tempo, mas também cria esse tempo ao narrá-lo. Se só descrevemos o presente a partir de falhas e derrotas, aprisionamos a imaginação coletiva na negatividade. Se equilibramos a crítica necessária com narrativas de avanço, criamos confiança e abrimos espaço para o desenvolvimento. Como ensinou Confúcio, governar é comunicar e retificar, alinhando discurso e prática para construir o futuro. As manchetes chinesas, ao reforçarem uma agenda positiva, mostram a força desse princípio. Cabe ao Brasil aprender com esse contraste e entender que as palavras com que descrevemos o presente são, em grande medida, a matéria-prima do progresso de uma nação. Não devemos abrir mão do otimismo e da construção, nem de nossas tradições democráticas e de nosso espírito crítico desde que orientado para o bem comum. O Brasil e o Ocidente não devem ter vergonha de seus avanços e conquistas. Devemos também celebrar nossas grandes vitórias, que são incontáveis, também em nossas manchetes.

***Cientista Político. Foi Ministro do Turismo e Presidente da Embratur**

EDITORIAL

Setembro, o verde da esperança PcD

Verde da esperança, da renovação e da vitalidade. Por mais que a campanha mais famosa de Setembro tenha a cor amarela, há outra um pouco esquecida do grande público: da Pessoa com Deficiência.

Em um país onde a inclusão e a igualdade carece de meios, por mais que tenhamos leis para fazer isso, são políticas públicas de qualidade que faltam, efetivamente, para as situações saírem do papel e virarem realidade.

Desde pequenas ações, como rampas em vias públicas para cadeirantes, até sinalizações mais precisas para pessoas com dificuldades auditivas e visuais, o deficiente não tem o respaldo necessário na sociedade.

Muitos os consideram à margem, por precisar de ajuda e cuidados acima dos demais, mas é aí que está o perigo, pois são esses os casos onde eles mais precisam de acolhimento.

Campanhas de acessibilidade não devem ser vistas apenas em datas pontuais ou em meses celebrativos, e sim o ano todo, como uma constância. Ajudar uma pessoa deficiente a crescer na vida, independente de qual seja a sua deficiência, é uma forma de ajudar a nós mesmos a crescermos como cidadãos.

Colaborar em ações pressionar os governos por mais políticas públicas para os PcDs é uma tarefa que todos nós, como brasileiros, temos que ter. Afinal, se nossa constituição diz que somos iguais, ninguém pode ser tratado como um desigual ou ter menos direitos do que os outros.

O deficiente físico, desde o momento em que se é enquadrado como tal, passa a ser visto como alguém subutilizado ou como um coitado. Porém, ele deve ser visto como alguém que precisa crescer mais na vida e superar os desafios. Basta olharmos os atletas paralímpicos para vermos o quanto eles se superam para representar o Brasil nas competições internacionais, como as Paralimpíadas. E muitos desses atletas se tornam ídolos para outros, exatamente por serem vencedores.

Não é a toa que o Setembro Verde requer esperança. Não apenas por dias melhores, mas para conseguir políticas melhores. Não é a toa que o Setembro Verde requer renovação, para que todos possam olhar as pessoas com deficiência como iguais. Não a toa que o Setembro Verde requer vitalidade, para dar força e energia para aqueles que se sentem à margem da sociedade a vontade de querer ter mais igualdade.

A música como voz da ancestralidade

Ícone da música e da moda brasileira, a cantora IZA lançou na noite desta quinta-feira (18) os singles “Caos e Sal” e “Tão Bonito”, que trazem uma forte conexão da carioca com o reggae e com o Egito Antigo. O Correio da Manhã participou da coletiva de lançamento das músicas e lançará uma matéria especial sobre elas na próxima edição, mas é curioso reparar como IZA busca essa conexão com pontos que marcaram sua infância para construir seus sucessos futuros.

E essa conexão, tanto sonora quanto estética, com temas que exaltam a ancestralidade é algo muito interessante de se reparar na cena musical de 2025.

Durante a Rio2C 2025, o cantor Péricles afirmou em um painel que o “Pagode é a voz da ancestralidade”, porque a música é capaz de resistir ao tempo e trazer histórias, ritmos e valores de gerações antigas para os tem-

pos atuais. Ver a cena musical brasileira abraçando a ancestralidade como tema de suas “novas eras” é muito curioso. É, na verdade, motivo de orgulho, principalmente para artistas negros, que estão conseguindo dar holofotes a temas antes marginalizados ou considerados “de vagabundo”. O ritmo brasileiro é marginal, é vibrante, é autêntico, é ancestral.

Exaltar esses fatores é prestar uma homenagem mais do que digna, necessária a gerações apagadas e esquecidas pelo mercado nacional.

Esse “Brasi Polifônico” abraça as diferentes heranças culturais, aquecendo o mercado musical nacional e blindando a entrada de ritmos que conquistam o continente, como o ‘Reggaeton’, com o grande investimento de gravadoras americanas. Em vez de importar, IZA traz seu próprio Reggae com raízes brasileiras. Fantástico!

Opinião do leitor

Análise

Algum sábio frisou que Democracia é regime com falhas. Mas ainda é o regime mais adequado e saudável que existe. O que existe é rigor em defesa da democracia e o respeito às leis. O Supremo pode errar. Mas jamais decide baseado em torpezas e levandades.

Vicente Limongi Netto
Brasília - Distrito Federal

O CORREIO DA MANHÃ NA HISTÓRIA * POR BARROS MIRANDA



HÁ 95 ANOS: GOVERNO ARGENTINO É RECONHECIDO PELO MUNDO

As principais notícias do Correio da Manhã em 19 de setembro de 1930 foram: Governo provisório argentino é reconhecido por diver-

sas nações. Após as eleições parlamentares, diz que o novo Congresso alemão se reunirá ainda na primeira quinzena de outubro. Ex-presidente

Legui, do Peru, e seu filho Juan, foram transferidos para a penitenciária de Lima. Brasil sedia III Congresso Sul-Americano de Turismo.

HÁ 75 ANOS: ALAGOAS RECEBE FESTIVAMENTE EDUARDO GOMES

As principais notícias do Correio da Manhã em 19 de setembro de 1950 foram: Alagoas recebeu festivamente Eduardo Gomes. Estu-

dantes organizam comícios em Petrópolis e Teresópolis. Ofensiva da ONU conquistas mas cidades sul-coreanas e se aproximam da capital

Seul. China Nacionalista se mantém como representante na ONU. Iraniano é eleito o novo presidente da Assembleia-Geral.